

Protagonismo Feminino: o Gênero como atravessamento para pensar Inovação Social no Brasil

Vitor Fernando Pereira Martins¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC]
Departamento de Psicologia – Via Estação do
Conhecimento

vitorfernando09@gmail.com

Resumo. *A inovação social tem sido apontada como uma ferramenta importante para confrontar e pensar soluções para as diferentes formas de desigualdades materializadas na sociedade. Por intermédio desse olhar, desvela-se a relevância deste estudo para a compreensão dos fenômenos inovação social no Brasil e protagonismo feminino. Consequentemente, o objetivo foi exploratório-descritivo, uma vez que, ocupou-se de aproximar os eixos temáticos centrais deste trabalho. Constatou-se que as políticas de inovação operam sistematicamente por vias desiguais, as quais tendem a desprivilegiar as significações nas mulheres nas experiências relacionadas ao empreendedorismo.*

Abstract. *Social innovation has been pointed out as an important tool to confront and think solutions to the different forms of inequalities materialized in society. Through this look, the relevance of this study for the understanding of social innovation phenomena in Brazil and female protagonism is revealed. Consequently, the objective was exploratory-descriptive, since, it was focused on approaching the central thematic axes of this work. It was found that innovation policies operate systematically through unequal paths, which tend to deprive women of meaning in entrepreneurship-related experiences.*

Introdução

Ao longo dos anos, o gênero tornou-se um importante marcador para pensar os contextos das relações sociais, seja ele na escola, família, no campo da atuação profissional ou nas políticas de desenvolvimento urbano. No Brasil, especialmente, nas universidades e no mercado de trabalho, observa-se que cada vez mais as mulheres vêm se inserindo nesses diferentes espaços, a qual têm sido historicamente e preponderantemente ocupados por homens. Diante disso, uma vez que a inovação social está terminantemente procurando superar os desafios socioespaciais, as questões de gênero convertem-se num contexto profícuo para potencializar o protagonismo das mulheres no cenário brasileiro [Kroska 2013 Lindberg 2009 2012 Lindberg, Forsberg e Karlberg 2016].

De modo paralelo, às discussões sobre o protagonismo feminismo ganharam novos destaques, especialmente, em decorrência do processo de globalização que tornou universalmente visível as desigualdades de gênero e, por consequência, aproximou as mulheres enquanto movimento de luta contra as formas de exclusão [Matte 2003 Pinto 2010 Coelho 2016].

Tal contexto pode ser observado na abertura desse tema na própria produção do conhecimento no Brasil, por exemplo, o projeto Pioneiras da Ciência que evidencia o papel da mulher no progresso das ciências na sociedade brasileira; o programa Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação do CNPq/Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações que busca incentivar a participação feminina nessas áreas de formação; o painel Jovens Pesquisadoras que destaca a produtividade das mulheres no âmbito das pesquisas; e a 15ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia que tematiza as estratégias de enfrentamento das desigualdades no campo do saber científico. Nesse sentido, cabe destacar que mesmo com o crescimento das mulheres nas ciências exatas, engenharias e tecnologias, o mercado de trabalho formal nesses eixos de atuação ainda opera sistematicamente por uma lógica excludente do gênero [CNPQ 2018 *s. d.*].

Assim sendo, nas ciências e, particularmente nos cursos de engenharias e tecnologias, o marcador gênero opera por vias desiguais. Muito embora o número de mulheres egressas nas universidades tenha aumentado nos últimos anos, singularmente nos cursos como - engenharia civil, engenharia elétrica, sistemas da informação e ciências da computação - o percentual representativo delas quando comparadas ao universo masculino é paradoxalmente inferior. Tal condição, é do mesmo modo constatada no mundo do trabalho, isto é, as diferenças expressivas na empregabilidade e salários das mulheres nos setores supracitados em comparação aos homens [ANDIFES 2016 IGBE 2018]. Nesse sentido, não há como contrapor essa mesma condição com a predominância de mulheres na educação, por exemplo. Dado que, conforme Viana [p. 90 e 92 2002], as desigualdades considerando essa análise ainda persistem:

A primeira decorrência indica que o sexo da docência se articula com a reprodução de preconceitos que perpetuam práticas sexistas. O processo de feminização do magistério associa-se às péssimas condições de trabalho, ao rebaixamento salarial e à estratificação sexual da carreira docente, assim como à reprodução de estereótipos por parte da escola. [...]. Soma-se a elas a estratificação sexual, geradora de guetos sexuais na carreira docente. As mulheres são maioria na Educação Básica, porém exercem atividades bem definidas na carreira. A Educação Infantil arregimenta mais de 90% das educadoras, enquanto no Ensino Superior as mulheres ainda são uma minoria, em especial nas carreiras tidas como masculinas. Mesmo com a feminização da docência, os homens ainda ocupam as funções de maior prestígio social e recebem os salários mais altos.

Por intermédio desse olhar, desvela-se a relevância deste estudo para a compreensão dos fenômenos inovação social no Brasil e protagonismo feminino, a partir de análises documentais e esquadramento dos dados Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas [Fipe], Global Entrepreneurship Monitor [GEM] e Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior [ANDIFES]. Nessa perspectiva, delimitou-se as engenharias e ciências da tecnologia como áreas prioritárias para as discussões desse artigo.

Fundamentação Teórica

Na literatura, a inovação social tem sido apontada como uma ferramenta relevante para confrontar e pensar soluções para as diferentes formas de desigualdades materializadas na sociedade, à medida que, busca continuamente enfrentar as problemáticas sociais decorrentes do atual modelo de estrutura social. Contudo, por ser um campo de estudos ainda considerado recente, é necessário estratificar a concepção de inovação social em

face da sua interlocução direta entre exclusão social versus inclusão social [Huysentruyt 2014 Lindberg Forsbergb Karlbergc 2016].

Numa perspectiva teórica, a usabilidade do conceito “inovação social” aumentou gradativamente a partir da década de 90, e sua definição em geral é delineada como a produção de bens e serviços que geram melhores condições de vida, saúde e bem-estar para as pessoas, tanto economicamente como em outros aspectos que envolve a vida social. Por outro lado, de modo mais imperativo, a empregabilidade de tal conceito, legitima e invisibiliza a marginalização de certos grupos humanos, dado que seu discurso pode oportunizar uma ideia de coesão social [Huysentruyt 2014 Casaqui 2015 Lindberg Forsbergb Karlbergc 2016].

Nessa lógica, tal condição binária coloca em lados opostos a problemática da inovação social. De um ângulo aparece como uma condição para a superação das desigualdades e distintas formas de exclusão social através um arranjo economicamente viável e sustentável e, em sentido oposto, é uma questão que despotencializa o princípio de impacto social bem-intencionado em face da sua condição descontextualizada e distante das realidades humanas.

Frente ao exposto, o gênero aparece como uma categoria analítica elementar para pensar a inovação social no Brasil, ao passo que diversos desdobramentos aparecem como intersecção desta discussão. Assim sendo, sabe-se que mulheres nas engenharias e ciências da tecnologia e no mundo empreendedor são continuamente representadas em menores números e subalternizadas em comparação aos homens [Lombardi 2006]. Para Lindberg [2009], essa diferença é clara ao considerar o ramo da inovação centrado na indústria e desenvolvimento de tecnologias.

Segundo uma pesquisa realizada na Suécia, foi possível constatar que os setores automotivo, indústria química, energia, engenharia e manufatura e tecnologias são predominantemente ocupado por homens, todos essas são áreas globalmente reconhecidas e financeiramente incentivadas como de alta prioridade na pauta dos governos. De modo paralelo, no mesmo estudo observou-se a predominância das mulheres nas áreas de entretenimento, varejo e saúde, isto é, espaços historicamente de baixa prioridade para a indústria e economia dos Estados [Lindberg 2009].

Conseqüentemente, o duplo lugar que a inovação social ocupa na economia e na sociedade, oferece a possibilidade de repensar suas práticas e os contextos a qual seu uso e efeitos vem sendo feito terminantemente associados e empregados. No Brasil, as questões de gênero tanto na educação como no mercado de trabalho constituem-se de modo desequilibrados, cujo as representações sociais de masculinidades configuram-se quase como exclusivas para discutir o desenvolvimento econômico do país alinhado ao que se denomina por mercado inovador.

Metodologia

Quanto a abordagem, realizou-se um estudo qualitativo a fim de dialogar na intersecção gênero e inovação social que permitisse o entendimento das estruturas e contextos, a qual essas construções foram socialmente produzidas. As categorias analíticas - acesso ao ensino superior e áreas de formação, mercado de trabalho e remuneração e empreendedorismo - são recortes de informações da população brasileira.

Para fins de análise, os dados apresentados para a compreensão dos resultados desta pesquisa foram obtidos por meio das publicações divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas [Fipe], Global Entrepreneurship Monitor [GEM] e Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior [ANDIFES], todos eles divulgados em ambiente online.

Como critério de delimitação deste estudo, desenvolveu-se uma pesquisa aplicada, pois a interpretação dos dados buscou uma compreensão local em face de fenômenos transculturais denominados “gênero e inovação social”. Consequentemente, o objetivo foi exploratório-descritivo, uma vez que ocupou-se de aproximar os eixos temáticos centrais deste trabalho, haja vista que fosse factível descrevê-los e dialogar criticamente sob a luz da literatura científica e subsidiado pelos dados das fontes anteriormente citadas.

Portanto, os procedimentos metodológicos foram levantamento biográfico e documental. Neste caso, a metodologia adotada teve como intenção viabilizar uma aproximação com as discussões no campo do gênero e o ambiente de inovação social e, paralelamente, investigar outras fontes documentais capazes de auxiliar a composição dos resultados e viabilizar as discussões.

Resultados e Discussões

Lindberg [2012] afirma que o gênero e a inovação se relacionam a partir de condições desiguais, posto que tal característica encontra-se pautada numa política que impõe padrões e barreiras que segregam os papéis de masculinidades e feminilidades. Segundo uma pesquisa da autora realizada na Suécia, foi possível constatar que indústria de base, produtos manufaturados e criação de novas tecnologias são extensamente representadas por homens, cujo as áreas são fortemente investidas e financiadas pelo Estado. Mesmo com a implementação de ações do governo brasileiro que visam combater as desigualdades de gênero, esse atravessamento perpassa diversos contextos da vida em sociedade, como o mercado de trabalho, acesso à educação e na hora de empreender.

No caso do empreendedorismo, embora tenha ocorrido crescimento na abertura de negócios pelas mulheres, as diferenças ainda são historicamente desproporcionais, fato que implica diretamente na criação de novos negócios por oportunidade frente ao fator inovação [GEM 2015 2016]. Para Teixeira e Bomfim [2016], o contexto sociocultural configura-se como uma força impeditiva que dificulta a atividade empreendedora das mulheres no Brasil, as quais esses aspectos procuram limitar seu espaço de atuação e escolhas. Ao analisar o percentual dos empreendedores no Brasil, observa-se a permanente participação de homens em maior número frente as mulheres [GEM 2013 2015 2016 2017].

Essa desproporcionalidade encontrada com base nos dados do relatório de empreendedorismo no Brasil, expõe as diferenças de gênero no ambiente empreendedor. Vale, Wilkinson e Amâncio [2008] enfatizam a importância do empreendedor como agente de inovação, ao passo que ele pode se destacar por sua capacidade de criar novas oportunidades. Deste modo, o ambiente de inovação social pode ser potencializado quando as políticas dos Estados tomam para si a diversidade como aumento das suas

capacidades inovadoras [Danilda Thorslund 2011]. Por outro lado, mesmo com a inserção gradativa das mulheres nesses ambientes, a transformação deve ser trabalhada de modo estrutural. Conforme gráfico 1, constata-se que o poder representativo das mulheres nos cargos políticos e gerenciais ainda são baixos no Brasil [IBGE 2018].

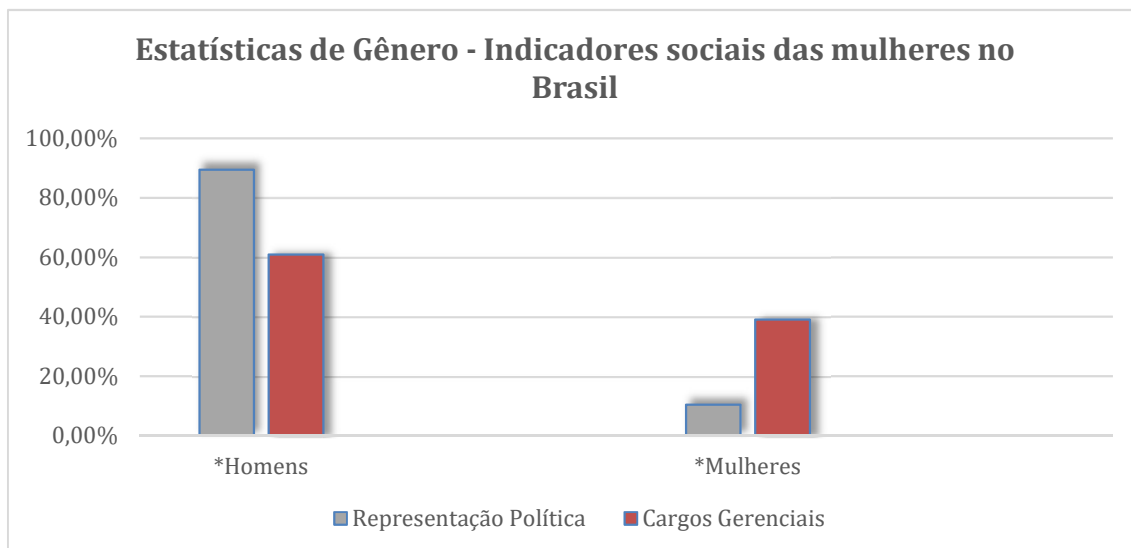


Gráfico 1 – Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil.

As possibilidades de acesso à cargos políticos e tomadas de decisões que, por sua vez, impactam fortemente o desenvolvimento econômico e social das cidades, ainda estão estreitamente veiculadas as representações de masculinidades. Isso implica linearmente na participação das mulheres em áreas econômicas consideradas prioritárias dos governos, tais como o empreendedorismo e inovação nas indústrias de bens de produção e, simultaneamente, a criação de novas tecnologias. Esse acesso também se dá marcadamente através da educação e tem como atravessamento os eixos de formação de homens e mulheres. Para Lombardi [2006], mesmo que as mulheres apresentem igual formação comparadas aos homens, há grande resistência na inserção delas em trajetórias profissionais definidas como masculinas. O gráfico 2, a seguir, apresenta o percentual de graduandos segundo o gênero e a área de Engenharia e Computação em que os alunos estão matriculados – 2014 no Brasil [ANDIFES 2016].

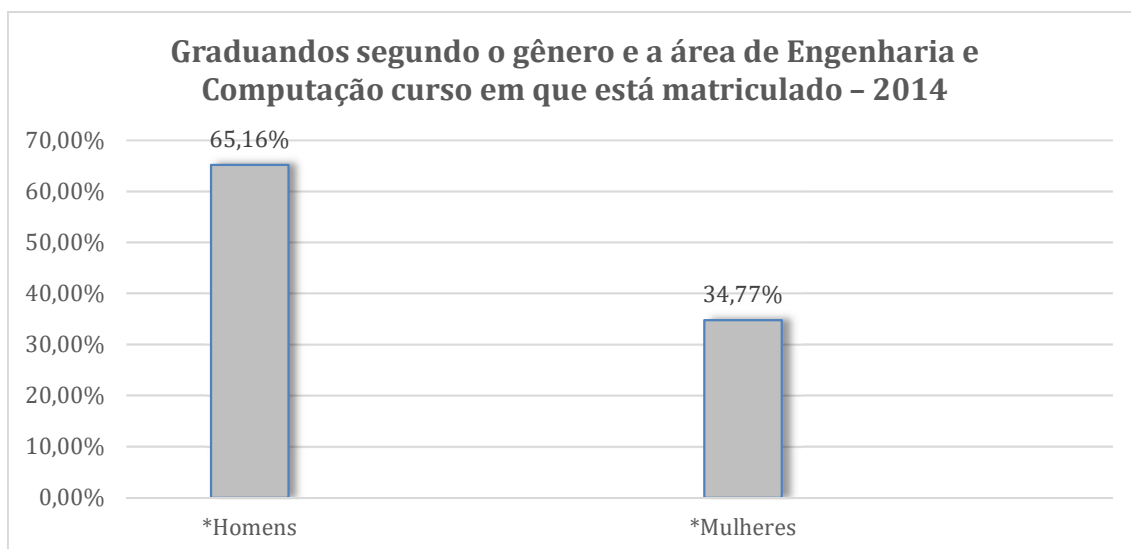


Gráfico 2 – Graduandos segundo o gênero e a área de conhecimento do curso em que está matriculado – 2014.

Essa experiência demarcada desde o processo de formação no ensino superior atinge consequentemente outros níveis. No âmbito das remunerações, observou-se diferenças significativas em todos os salários pesquisados neste estudo, dos quais estão relacionados aos cursos de engenharias e tecnologia. Giuberti e Menezes Filho [2005] destaca que embora as distinções de idade, experiência profissional e educação estejam associadas a tal afirmação, os limites dessas desigualdades não podem ser explicados somente por meio dessas implicações, dado que diferentes formas exclusão social e a precarização da figura feminina são condicionantes categóricos para problematizar esta análise. Abaixo no Gráfico 3 constam as diferenças salariais segundo gênero e ocupação [Fipe 2018].

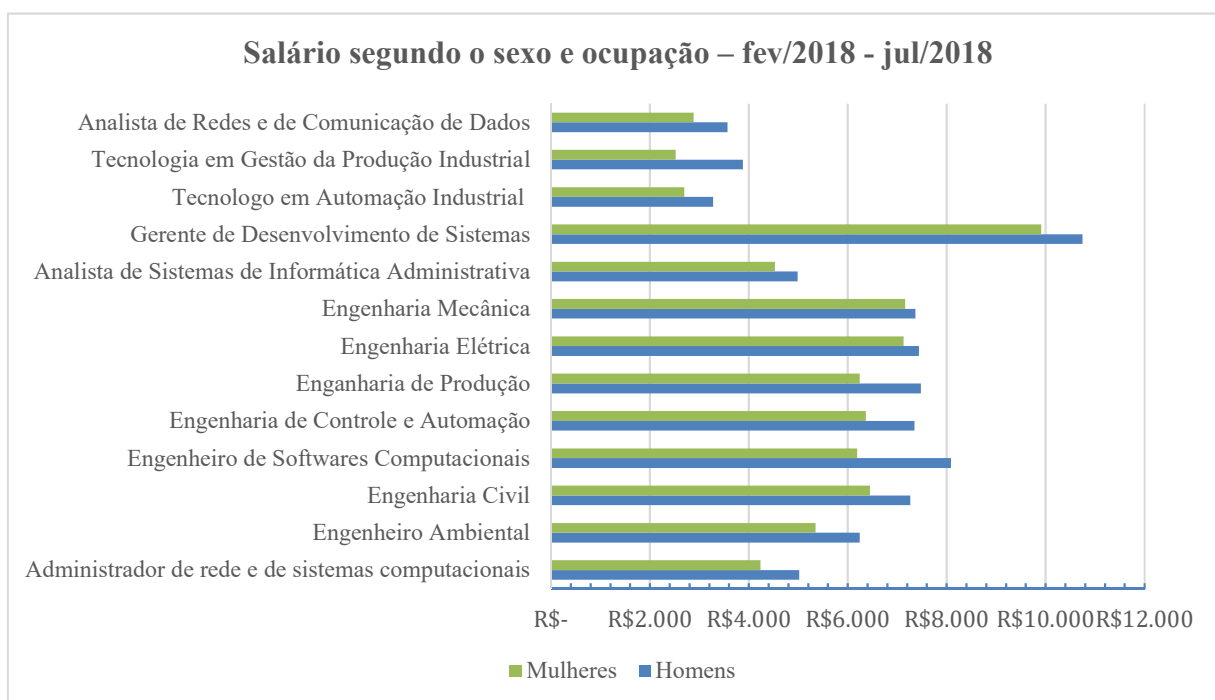


Gráfico 3 – Salário segundo o sexo e ocupação – fev/2018 - jul/2018.

Consequentemente, ao reunir tais evidências constata-se que o gênero é um elemento determinante para estudar a inovação social. As práticas dicotômicas que decorre da inovação social são produzidas em certa medida com a criação de uma política de inovação desigual. Neste ambiente, a busca por um diálogo na construção com os diferentes atores que contracenam no mesmo espaço ainda é precária e insuficiente. De modo que quando se constrói, o faz dentro de contextos restritos, as quais tendem a acentuar ainda mais esse lugar demarcado entre masculinidades *versus* feminilidade. Com base nesse olhar, a inovação social precisa transgredir essa dinâmica, ao passo que sua superação possibilite um crescimento econômico menos desigual e inclusivo [Lindberg 2009].

Considerações Finais

O estudo permitiu debater uma temática pouco trazida para as discussões sobre inovação social. Além disso, a pesquisa possibilitou analisar por meio de dados sociodemográficos o papel do gênero enquanto categoria de análise na intersecção com a inovação. Nessa perspectiva, constatou-se que as políticas de inovação operam sistematicamente por vias desiguais, as quais tendem a desprivilegiar o papel das mulheres nas experiências relacionadas ao empreendedorismo, tomada de decisão e participação em áreas de atuação, sobretudo, nas áreas historicamente demarcadas pelas representações sociais de masculinidades.

O diálogo que esse trabalho alcançou foi justamente na contramão daquilo que encontra-se cristalizado e fossilizado na sociedade brasileira, ou seja, a segregação socioespacial articulada ao gênero nos distintos enquadramentos que se materializam no conjunto das relações sociais. A partir dessa leitura, surgem novas temáticas e problematizações para que se possa pensar a inovação social no Brasil e suas práticas cotidianas, buscando atender aos interesses econômicos e sociais.

Referências

- ANDIFES. Iv Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação: das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras. Brasil: Andifes, 2016. 2014. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduanso-das-IFES_2014.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.
- Casaqui, V. A construção do papel do empreendedor social: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo1. Galáxia (São Paulo), [s.l.], n. 29, p.44-56, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120109>.
- CNPq. Aberta a chamada "Meninas nas Exatas, Engenharias e Computação". 2018. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/noticiasviews/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/6339155>. Acesso em: 25 ago. 2018.

CNPq. Pioneiras da Ciência no Brasil - 5ª Edição. 2018. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/pioneiras-da-ciencia-do-brasil5/#void>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

Coelho, M P. Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais. Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João del Rei, v. 11, n. 1, p.214-224, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100017>. Acesso em: 24 jul. 2018.

Danilda, I; Thorslund, J G. Innovation e Gender. Suécia: Vinnova, 2011. Disponível em: <http://jamda.ub.gu.se/bitstream/1/628/1/Innovation_vinnova_eng.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2018.

Fundação Instituto De Pesquisa Econômica. Salariômetro. 2018. Disponível em: <<http://www.salarios.org.br/#/salariometro>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

Huysentruyt, M. Women's Social Entrepreneurship and Innovation. Oecd Local Economic And Employment Development (leed) Working Papers, [s.l.], p.4-24, 12 ago. 2014. Organisation for Economic Co-Operation and Development (OECD). <http://dx.doi.org/10.1787/5jxzkq2sr7d4-en>.

IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Brasil: Ibge, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.

Instituto Brasileiro Da Qualidade E Produtividade. Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo 2013. Brasil: Sebrae, 2013. Disponível em: <[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/6531e275e26899918d83ccc8f090646b/\\$File/4569.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/6531e275e26899918d83ccc8f090646b/$File/4569.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2018.

Instituto Brasileiro Da Qualidade E Produtividade. Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo 2015. Brasil: Sebrae, 2015. Disponível em: <[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/\\$File/5904.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/$File/5904.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2018.

Instituto Brasileiro Da Qualidade E Produtividade. Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo 2016. Brasil: Sebrae, 2016. Disponível em: <

[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/941a51dd04d5e55430088db11a262802/\\$File/7592.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/941a51dd04d5e55430088db11a262802/$File/7592.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2018.

Instituto Brasileiro Da Qualidade E Produtividade. Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo 2017. Brasil: Sebrae, 2017. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20BRASIL_web.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

Kroska, Amy. Book Review: Framed by Gender. *Gender & Society*, [s.l.], v. 26, n. 4, p.665-667, 5 jul. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0891243212439344>

Lombardi, M R. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. *Cadernos de Pesquisa*, [s.l.], v. 36, n. 127, p.173-202, abr. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742006000100008>.

Lindberg, M. Men and masculinities in Sweden's innovation policy. *Tidskrift För Genusvetenskap*, [s.l.], v. 2, n. 3, p.28-44, 2009. Disponível em: <<http://ojs.ub.gu.se/ojs/index.php/tgv/article/viewFile/2433/2183>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

Lindberg, M. A striking pattern – Co-construction of innovation, men and masculinity in Sweden's innovation policy. *Promoting Innovation – Policies, Practices and Procedures*. 47-67, 2012.

Lindberg, M; Forsberg, L; Karlberg, H. Gender dimensions in women's networking for social innovation. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, [s.l.], v. 29, n. 4, p.410-423, 24 mar. 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13511610.2016.1166037>.

Matte, D. Um espaço para a mudança. *Revista Estudos Feministas*, [s.l.], v. 11, n. 2, p.633-636, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2003000200020>.

Pinto, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, [s.l.], v. 18, n. 36, p.15-23, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-44782010000200003>.

Teixeira, R M; Bomfim, L C S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, [s.l.], v. 10, n. 1, p.44-63, 10 mar. 2016. ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v10i1.855>.

Vale, G V; Wilkinson, J; Amâncio, R. Empreendedorismo, inovação e redes: uma nova abordagem. *Rae Eletrônica*, [s.l.], v. 7, n. 1, p.1-17, jun. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1676-56482008000100008>.

Vianna, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. *Cadernos Pagu*, [s.l.], n. 17-18, p.81-103, 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-83332002000100003>.